

A recepção de *O Primo Basílio* na imprensa brasileira do século XIX: Caricatura, Humor e Crítica Literária**Sílvia Maria AZEVEDO***

Resumo: Posto à venda em Portugal, em fevereiro de 1878, o romance *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós, não demorou muito para chegar às livrarias do Rio de Janeiro. O sucesso quase instantâneo da obra despertou a reação dos meios intelectuais brasileiros, em particular dos críticos literários, divididos entre a acusação e a defesa da obra quanto à moralidade. A recepção do livro de Eça também repercutiu na imprensa brasileira de caricaturas da época, embora aqui, em lugar das charges, tenha prevalecido a sátira verbal, na forma das piadas, poemas e pequenas histórias picantes, sob o influxo da crítica literária, questão discutida no presente artigo.

Palavras-chave: *O Primo Basílio*. Crítica literária. Charge. Humor. Imprensa de caricaturas.

***O Primo Basílio's* reception by the Brazilian press in the 19th century: Caricature, Humor and Literary Criticism**

Abstract: For sale in Portugal in February 1878, the novel, *O Primo Basílio* by Eça de Queirós did not take long to adorn the shelves of Rio de Janeiro's bookstores. The almost instant success of this literary work caused a marked reaction within Brazilian intellectual circles, especially among the literary critics, who, when it came to the morality of the book, were split between the prosecutors and the defenders. *O Primo Basílio's* reception, also had repercussions within the Brazilian caricature press of the time. However, as will be explored in this study, in the place of cartoons, verbal satire prevailed. This took the form of jokes, poems and spicy short stories, all under the influence of literary criticism.

Keywords: *O Primo Basílio*. Book review. Political cartoon. Humour. Caricature press.

Como aconteceu em vários países da América Latina, também no Brasil, só depois de assegurada a independência, foi que a imprensa periódica reapareceu, florescendo então em suas páginas a “sátira política ilustrada” (LIMA, 1963, v.1, p.62). Foi o *Jornal do*

* Professora Doutora – Departamento de Literatura e do Programa de Pós-Graduação em Letras – Faculdade de Ciências e Letras – Unesp – Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis – Av. Dom Antonio, 2100, CEP: 19800-000, Assis, São Paulo, Brasil. E-mail: silrey@uol.com.br

Comércio, do Rio de Janeiro, que anunciou a primeira folha solta com caricaturas, uma sátira contra o jornalista Justiniano José da Rocha, em 14 de dezembro de 1837:

Saiu à luz o primeiro número de uma NOVA INVENÇÃO ARTÍSTICA, gravada sobre magnífico papel, representando uma admirável cena brasileira [...]. A bela invenção de caricaturas, tão apreciadas na Europa, aparece hoje pela primeira vez no nosso país e sem dúvida receberá do público aqueles sinais de estima que ele tributa a coisas úteis, necessárias e agradáveis (LIMA, 1963, v.1, p.71).

A conjugação entre literatura e imprensa, que se firma a partir dos anos de 1840, com o golpe da Maioridade (SODRÉ, 1966, p.210), repercutiu, igualmente, na imprensa caricatural, sem prejuízo da sátira política. O caso da recepção do romance de *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós, na imprensa fluminense, em 1878, vem ao encontro dessa tendência, como também daquela de a caricatura, no início de sua trajetória, receber influência literária. Dentre outros exemplos, vale mencionar o *Diabo Coxo*, jornal que, sob a direção de Ângelo Agostini, circulou em São Paulo entre 1864-1865, e cuja personagem-símbolo foi inspirada no romance de mesmo nome, de 1707, do francês Alain-René Le Sage (BALABAN, 2009, p.117).

Quanto ao romance *O Primo Basílio*, coube à crítica literária, veiculada na imprensa da Corte, prioridade na recepção do romance eciano: um mês depois de a obra ter sido posta à venda em Portugal, saía na *Gazeta de Notícias*, no dia 25 de março, o primeiro artigo, de autoria do escritor português, Ramalho Ortigão, correspondente do jornal carioca. Datado de Lisboa, 22 de fevereiro, a crítica de Ortigão traz para o centro do debate a questão da imoralidade do romance, tônica não apenas da maior parte dos textos publicados nos meses seguintes, como também das piadas e charges que circularam nas revistas de caricaturas.

A primeira piada a respeito do romance, assinada pelo pseudônimo A. Praia, saiu no número de estreia de *O Besouro*, na seção “Gazetilha”, em 6 de abril de 1878, p.6:

Encarecendo o merecimento do romance *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós, dizia antontem no ponto dos bonds um cavalheiro a uma dama: V. Exa. não faz uma ideia! Que verdade, que estudo e que observação tem *O Primo Basílio*! Tudo aquilo são cenas que podem um dia acontecer entre mim e V. Exa.

O que chama a atenção, em primeiro lugar, é que, em vez da imagem, seja o texto ou a sátira verbal que tenha tido prioridade na recuperação do ponto-chave da recepção do

romance. Por sua vez, é preciso lembrar que a caricatura verbal é “mais acessível ao espírito popular” (LIMA, 1963, v.1, p.66), aspecto que vem ao encontro da piada de *O Besouro*, cena de rua, que recria a clássica situação de um “cavalheiro” que corteja uma “dama”, desacompanhada, num ponto de bonde. Esse “cavalheiro”, se não leu *O Primo Basílio*, ao menos ouviu falar dele, memorizando as passagens mais picantes do romance (em particular, a famosa cena do Paraíso), que corriam de boca em boca. Quanto à “dama”, que permanece calada, é possível supor que fosse jovem, talvez bonita, e que por andar sozinha pertença à classe das mulheres que trabalham fora de casa (caixeira de loja, costureira, professora etc). A fala do “cavalheiro”, perfil que mais se aproxima do homem comum do que do crítico literário, recupera deste, no entanto, certos trejeitos retóricos – “Que verdade, que observação, tem o Primo Basílio” – para, em seguida, se desviar para a malícia, de inequívoca conotação sexual – “Tudo aquilo são cenas que podem um dia acontecer entre mim e V. Exa”. O narrador da piada, por sua vez, é alguém que igualmente frequenta as ruas, à procura de situações curiosas e engraçadas, comportamento que compartilha com o do cronista, e cujo discurso parodia a crítica elogiosa que em geral acolhia os lançamentos literários – “Encarecendo o merecimento do romance *O Primo Basílio* [...]”. Por fim, a piada, no formato da leitura, se propõe à recriação, acompanhada de gestos, insinuações, troca de olhares, experiência mais propícia aos espaços públicos (bares, cafés, ruas, teatros), frequentados, sobretudo, pelo mundo masculino.

Na sequência dessa primeira sátira verbal, outros periódicos entram na polêmica, sendo a causa *O Primo Basílio*, “que aqui apareceu como um verdadeiro pomo de discórdia”, no comentário do texto “Zumbidos”, de autoria do pseudônimo D. Filho, publicado em *O Besouro* em, 4 de maio de 1878, p. 35, aqui parcialmente transcrito:

Lavra a discórdia nos campos de Agramonte, isto é, nos escritores em geral e dos folhetinistas em particular.

Do *Cruzeiro*, Sic e Amém atiram as mais aguçadas setas contra os seus colegas da *Gazeta*: nesta apresenta-se um substituto do Tralgadabas a dirigir o seu fino sorriso de mofa contra o escritor dos *Sem malícia* e o descobridor do maior defeito do *Primo Basílio*; o *Besouro* ataca o *Cruzeiro* e propõe-se a concertar o par de botas rotas - sem par - do ilustra Eleazar; a *Revista* vai ao pelo do *Diário do Rio*; este mostra que ainda tem [...], e assim vai tudo em uma balbúrdia, uma confusão, como jamais se viu aqui, nesta cidade de S. Sebastião, a sede do governo e da sociedade do Elogio Mútuo do Império.

Além da polêmica travada entre os periódicos, o texto de D. Filho deixa claro que não foram poucos os jornais da Corte que participaram da recepção de *O Primo Basílio*. De um lado, estavam *O Cruzeiro*, a *Gazeta de Notícias*, o *Diário do Rio de Janeiro*, onde era

publicada a crítica séria, assinada por figuras de renome, que se escondiam sob pseudônimos, como Machado de Assis-Eleazar, Ferreira de Araújo-L, Henrique Chaves-S. Saraiva, Ataliba Gomes de Gomensoro-Amenóphis Effendi. De outro, *O Besouro* e a *Revista Ilustrada*, que veiculavam paródias da crítica literária, piadas, poemas cômicos, pequenas narrativas, e cujos autores também usavam pseudônimos.

Polarizados em torno daqueles que acusavam o romance de imoralidade e os que o enalteciam, esses “zumbidos” foram sintetizados em dois poemas-piadas, que saíram n’*O Besouro*, em 27 de abril de 1878, p.31:

Aos entusiastas do “*Primo Basílio*”

Danados! incensai do vício – a bela obra!
E se um dia a mulher – ou mesmo as vossas filhas
sentirem o veneno e os olhos dessa cobra,
- empurrai-as a rir – às torpes camarilhas,
- à tasca – ao vinho – ao fumo – aos ébrios como vós,
- Entusiastas vis da escola do cinismo!

Na vesga inspiração dos Eças de Queirós,
prostituir o lar, também – é *realismo*.
Um Bom Guarda Nacional”.

Aos Maldizentes do “*Primo Basílio*”

Beijamos do escritor a nobre, a bela obra,
nós que temos o amor do lar, às nossas filhas,
mandamo-las cuspir no vírus dessa cobra
de que vós vos servis, *jongleurs* das camarilhas;
e, como ensinamento a uns primos como vós,
fazemo-las calcar Basílios de cinismo.

Na santa-inspiração de um Eça de Queirós,
o vício profligar – é o grande *realismo*.
Um Bom Pai de Família.

Publicados na mesma página, um após o outro, e seguramente do mesmo autor, que apenas assumiu pseudônimos diferentes, os dois poemas partem do pressuposto de que a acusação e defesa de *O Primo Basílio* é uma questão de ponto de vista, daí que o primeiro seja assinado por “um bom guarda nacional” e o segundo, por “um bom pai de família”, o qualificativo imprimindo a nota irônica na denominação de ambos os autores. Na visão de “um bom guarda nacional”, os “entusiastas” do romance são chamados de “torpes

camarilhas”, enquanto para “um bom pai de família”, os “maldizentes” não passam de “jongleurs das camarilhas”. Uma vez que a palavra “camarilha”, de conotação negativa, participa na configuração das duas facções, ambas acabam sendo representadas como um grupo de pessoas unidas no propósito de promover, por meio da intriga, seus pontos de vista e interesses. Os “entusiastas vis do realismo” acusados de “prostituir o lar”, os defensores da obra de Eça, identificados no gesto reverencial de beijar “do escritor a nobre, a bela obra”, de compreender o objetivo maior do romance, “o vício profligar”, missão do “grande realismo”.

Tantos outros, poemas como esses de *O Besouro* comprovam que a polêmica em torno de *O Primo Basílio* ficou circunscrita, na imprensa fluminense, ao âmbito textual, quer no formato da crítica séria, quer no da sátira textual, sendo poucas as charges sobre a obra eciana que saíram nos periódicos de caricaturas da época.

Em *O Besouro*, por exemplo, apareceram apenas duas. A primeira, em 13 de abril, p.9, sob o título “Depois da leitura do primo Basílio de Eça de Queirós”, charge de autoria de Bordalo Pinheiro, tem ligação direta com o romance (**Figura 1**). Trata-se, outra vez, de uma cena - em consonância com a organização estrutural do romance, que se passa, agora, num espaço privado: a sala de uma residência patriarcal - da qual participam três personagens: Madame, uma jovem mulher casada; Comendador, o velho marido, endinheirado e bronco, e Quincas, versão local do primo Basílio. O quadro é animado pela legenda-diálogo entre Madame, que apresenta o primo ao marido – “O primo Quincas que volta de Paris” -, e o Comendador que responde, ou antes, resmunga, olhar enviesado para o leitor – “Mau... mau”. Em clara alusão ao barulho provocado pelo *Primo Basílio* na imprensa fluminense, uma folha de jornal pende das mãos do Comendador, reinvenção matuta de Jorge, o elegante marido de Luísa.

Embora a legenda imprima, como de praxe, o foco de leitura da charge, nesse caso, ela funciona como suporte das falas ambíguas e reticentes das personagens, de tal forma que o discurso verbal vem ao encontro do clima de ironia, subentendido e de malícia que permeia o discurso visual. Com isso, o leitor não apenas visualiza a imagem, como também é estimulado a recriá-la, via imaginário, o que da mesma forma pode ter ocorrido no ato da leitura do romance de Eça de Queirós, graças ao caráter “fotográfico” das cenas verbais. Assim, o ambiente da leitura permeia tanto a experiência do leitor (do romance e da charge) quanto das personagens, uma vez que o clima de adultério envolvendo as três personagens, parte do pressuposto de que Madame e o Comendador leram *O Primo Basílio*, na informação da legenda da charge.

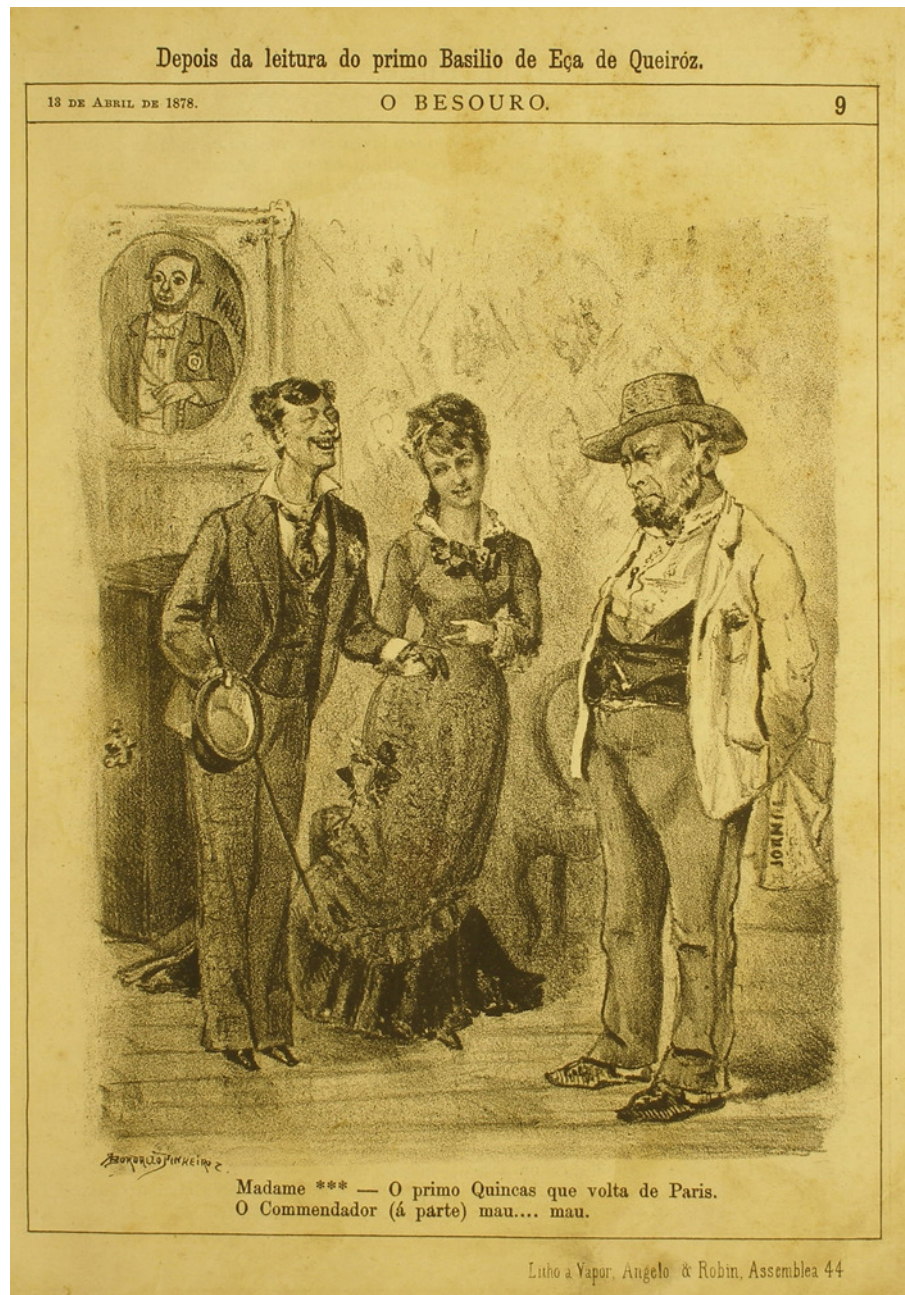


Figura 1 - Revista *O Besouro*, 18 de abril de 1878.

O caráter corruptor do romance eciano, sobretudo em se tratando do público leitor feminino, o que lhe valeu a pecha de leitura proibida (e por isso mesmo, tanto mais excitante), será explorado, entre outros, no texto, sem assinatura, “Do Primo Basílio (Ainda!)”, publicado em *O Mequetrefe*, em 18 de maio de 1878, p.6, e que vale a pena transcrevê-lo na íntegra:

Foi apreendido por uma malévola curiosidade do correio o seguinte bilhete, que, por um acaso estranho e particular nos veio parar às mãos.

Damo-lo aos nossos *leitores* como uma bela prova de que entre nós o belo espírito também ainda de espartilho à Pompadour e usa da popeline sem que seja isto novo.

Nota-se que a carta não tem uma falta de ortografia, e sente alguma virilidade...

Querida Prima.
Catumbi, 30 de março de 1878

Há quanto que de ti não sei notícias. Os maus corações como o teu esquecem depressa os corações bons como o meu. Minha querida, sempre conheci-te má, e sempre te amei assim, e por que não? se era assim que eu sempre te queria.

Escrevo-te estas às pressas e às escondidas; tenho no gavetão escondido entre as camisinhas um livro de que havemos de ler juntos, quando cá vieres, certas passagens que tenho marcadas à unha. É um livro que tem uma página pretensiosa. Pretensiosa porque fala em uma sensação que chama de nova, vês tu? Quando no colégio já o padre Henry nos dizia na sua meia língua, com aqueles belos olhos, que não havia no mundo mais sensações.

Ora, querida, eu creio mais no padre Henry, nesse nosso *abée* de bons tempos e de boas horas do que no tal autor do livro.

Sabes que tenho o livro escondido? Mandei-o comprar pelo feitor porque li nos folhetins dos jornais que era bom e que era indecente, conclui que seria muito divertido.

Vem, a mamãe nos deixará muitas horas juntos, ela anda agora a fazer bandejas de doces para a festa do comendador Silvério, e nós unidinhas vamos rir muito!

Espero-te sem falta qualquer dia.

De tua

Amélia.

PS – Convidei também a Rosinha, a travessa que há de rir decerto com desejos de diante dos espelhos nos mostrar o comprimento de seu belos cabelos.

A.

Como é possível perceber, a encenação escritural desta carta, desviada de seu destino, aberta e lida por um invasor da correspondência alheia, partiu do romance de Eça de Queirós, no qual as epístolas de Luísa e Basílio, jogadas no cesto de papéis velhos, foram roubadas por Juliana, que passa a chantagear a mulher de Jorge. Se na ficção da carta publicada em *O Mequetrefe*, Amélia foi quem a escreveu, quem a trouxe e transcreveu na revista, porém, foi outro narrador-autor, aquele que, movido por “malévola curiosidade”, pode ser responsabilizado ainda pelo desvio do “bilhete” de Amélia. Aliás, as marcas dessa presença masculina se fazem notar por outros detalhes, primeiramente, quando diz que serão “leitores” (e não leitoras), ou seja, outros homens que lerão ou terão interesse em ler uma carta roubada, ato ilícito e invasor que só faz espicaçar a curiosidade. Em seguida, a observação de que “a carta não tem uma falta de ortografia, e sente alguma virilidade...”, aspectos, em particular o primeiro, que levantam suspeitas quanto à autoria feminina da

carta, dado o baixo nível de escolaridade das mulheres no século XIX. A impressão de que a carta “sente alguma virilidade” irá de confirmar quando Amélia, no convite que faz à amiga para lerem o romance, “erra” na concordância, e diz “havemos de ler juntos”. Ainda assim, partiu de Amélia a iniciativa de mandar um feitor comprar *O Primo Basílio*, depois de ter lido “nos folhetins dos jornais que era bom e que era indecente”. O cenário da leitura proibida não poderia ser outro: o quarto da jovem infratora, espaço que, com essa mesma função, foi representado pela literatura e pintura românticas. Quanto ao leitor intruso da carta, este poderá recriar a sugestão da cena da leitura do livro, valendo-se do convite irresistível de Amélia – “Vem, a mamãe nos deixará muitas horas juntas [...], e nós unidinhas vamos rir muito!” – compartilhando com as moças de um prazer, que muito se aproxima do prazer sexual.

De volta a *O Besouro*, a segunda charge que saiu em 27 de abril, p.32, com o título de “Literalogia” (paródia das seções literárias da imprensa) – “Casamento do Comendador Mota e de Iaiá Garcia” (**Figura 2**) -, tem relação indireta com o romance de Eça de Queirós, embora o *leitmotif* “sensações novas”, explorado à exaustão pelas charges verbais, compareça também aqui, na aproximação um tanto forçada entre as personagens dos romances *Mota Coqueiro ou A Pena de Morte* (1888), de José do Patrocínio, e *Iaiá Garcia* (1887), de Machado de Assis. A ilustração, carregada de detalhes, mimetiza as descrições realistas, e as alegorias literárias, Mota Coqueiro, recriação do Comendador velho, obeso e bronco da ilustração anterior, e que pouco tem a ver com a figura alta e severa, do romance de José do Patrocínio, e Iaiá Garcia, a jovem noiva, esquelética, lacrimosa e de olheiras, encenam a posição antagônica dos dois autores em relação ao romance eciano. O almofadinha bem vestido, que se destaca entre os convidados do casamento, e com quem Iaiá Garcia troca olhares melosos é o primo Basílio, cujo rosto, de monóculo, é uma caricatura de Eça de Queirós. A legenda que acompanha o desenho, extensa e minuciosa, além de parodiar a retórica romântica, explora também outras conotações do bordão “sensações novas”:

No momento em que Iaiá Garcia e o Sr. Mota Coqueiro *recebem* a voz, dada pelo bojudo medianeiro dos idealismos, cai, como um raio junto aos cônjuges o *Primo Basílio* que, tendo esgotado em *sensações novas* toda a borracha do Paraguai, volta a explorar a borracha do Pará esperando igual êxito. Ao ver, porém, Iaiá Garcia casando por conveniência com Mota Coqueiro, homem que apenas se prende às *sensações* do seu negócio, embeve-se no tranquilo olhar cor de rosa onde *se refletem os azulados raios da argêntea lua; e suspenso em êxtases das áureas e vastas madeixas cor de cenoura da poética Iaiá*, atira para trás das costas a borracha do Pará e diz:

Estou transviado! Estou confundido – Esta Iaiá é quem vai me dar sensações novas! Olaré! .

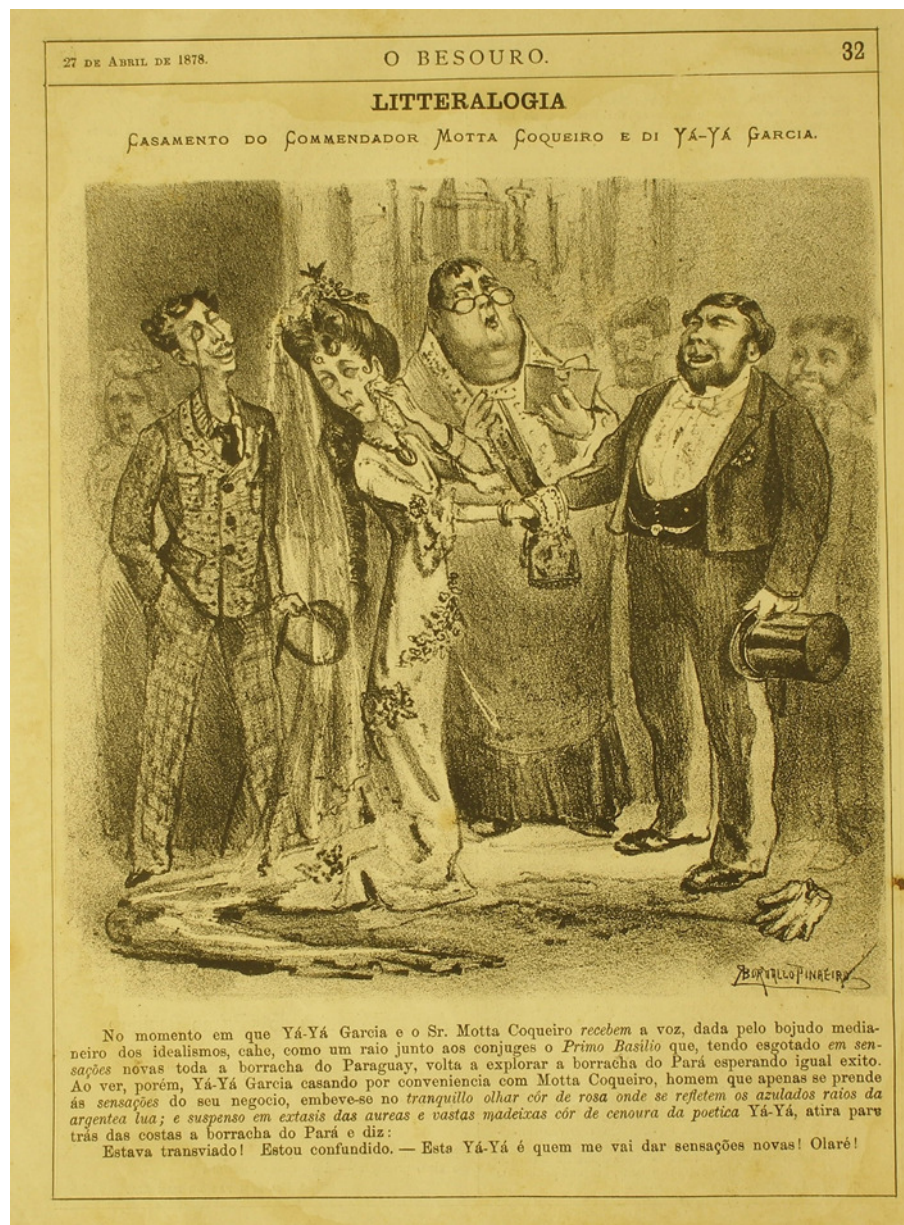


Figura 2 - Revista *O Besouro*, 27 de abril de 1878.

Num primeiro momento, tanto para o primo quanto para Mota as “sensações” prazerosas têm caráter econômico, em função da natureza dos respectivos negócios, o primeiro até que fez fortuna no Brasil, tendo enriquecido graças à exploração da borracha no Pará, que começa por volta de 1860 para atingir o auge, exatamente nessa época (AMARAL, 1997, p.215). Num segundo momento, tão logo Basílio presencia o casamento de conveniência da jovem Iaiá Garcia, as “sensações novas”, articuladas à futura traição do marido, passam a sugerir os prazeres que a moça, ao contrário do que acontece no romance de Eça, irá proporcionar ao rapaz: “Esta Iaiá é quem vai me dar sensações novas! Olaré!”

Portanto, ao aludir a elementos externos aos três romances em questão – *O Primo Basílio*, *Mota Coqueiro* e *Iaiá Garcia* -, a legenda se sobrepõe à charge “Literalogia”, comprometendo o foco literário que a imagem satírica pretende explorar – a oposição entre românticos, os velhos, dentre os quais, Machado de Assis/Eleazar, e realistas, os novos, José do Patrocínio.

Essa oposição, que reflete a passagem do Romantismo para a escola realista, e que no Brasil não se deu de forma pacífica, foi explorada em vários textos humorísticos, como aquele, de autoria do pseudônimo Mutuca, “Coisas novas e coisas velhas”, publicado em *O Mequetrefe*, em 1 de junho de 1878, p.2:

O fato literário de mais importância nestes últimos tempos é a guerra entre realistas e românticos.

Nós, em nossa fraca opinião, achamos desigual a luta.

Os realistas têm a mocidade, o vigor, o entusiasmo e a ligeira elasticidade dos movimentos; vibram golpes terríveis. Os românticos, velhos, gotosos, reumáticos, nem sequer defendem-se.

Piedade, senhores realistas! Deixem que o ancião morra em sua cama, de morte natural. Isto está mais com os preceitos de nossa santa religião. É desta opinião Eleazar.

Fato recorrente em algumas piadas a respeito de *O Primo Basílio*, é a identificação de Machado de Assis, sob a identidade de Eleazar, com o Romantismo, reforçada com a publicação de *Iaiá Garcia*, e também com o perfil católico de *O Cruzeiro*, onde o romance de Machado foi publicado, no formato do folhetim, durante os meses de janeiro a março de 1878.

No calor da polêmica, o dramaturgo Antônio Frederico Cardoso de Meneses leva ao palco do teatro Cassino uma adaptação teatral da obra de Eça de Queirós, com estreia em 4 de julho. Anteriormente a esta data, houve outra encenação do romance no teatro, de autoria de Ferreira de Araújo, representada no Teatro Fênix Dramática, em 27 de maio de 1878, em benefício do ator Silva Pereira, que representou o primo Basílio. (FARO, 1977, p.150-153). Mas foi a recriação de Cardoso de Meneses que despertou as maiores críticas sobre a peça em cinco atos e nove quadros, publicada na imprensa do Rio de Janeiro, e aqueles mesmos que haviam escrito sobre o livro de Eça voltavam-se, agora, para a peça.

Enquanto o romance dividiu a opinião dos críticos literários, a crítica teatral foi unânime em condenar a adaptação teatral de *O Primo Basílio*, sendo apontados, dentre os defeitos, a dificuldade de adaptar uma obra literária para a linguagem do teatro, a lentidão da peça, a introdução de uma *cocotte* francesa como amante de Basílio, personagem inexistente no romance. Para S. Saraiva, cujo artigo foi publicado na *Gazeta de Notícias*, em 16 de julho, era inaceitável que no drama Jorge tenha se transformado no marido sanguinário, que pune com as próprias mãos a mulher adúltera, o que resultou na morte

rápida de Luísa que, dessa forma, não sofria as torturas que, no entender dos analistas, era imprescindível para a moralidade do livro. Mas quando a adaptação teatral se manteve fiel ao romance, como na cena do Paraíso, o quadro foi considerado desnecessário e abjeto, na interpretação de Amenóffis-Effendi, que se pronunciou a respeito da peça, na *Gazeta de Notícias*, em 12 de julho de 1878:

Havia necessidade palpitante, absoluta, de ostentar o cenário no qual no romance, passam-se as ações, talvez reais, mas repulsivas no palco? [Havia necessidade], para reduplicar o martirólogo de Luísa, [de obrigá-la a ouvir] no próprio sítio em que o primo prostituíra-lhe desavergonhadamente o corpo, as palavras torpes de Basílio, fazendo questão de cem ou duzentos mil réis? No romance isso pode ser admitido, como o é na escola realista, em cena, é abjeto (apud NASCIMENTO, 2008, p.279-280).

Há que se observar que na ocasião em que analisou o romance de Eça, Amenóffis-Effendi justificou o erotismo de *O Primo Basílio* comparando-o com passagens da Bíblia, mas agora, em relação à cena assumiu posicionamento estranhamente moralista, o que levou José Leonardo Nascimento a observar: “Admitia no romance o que excluía no palco” (2008, p.64).

A polêmica que agora se transferia para a adaptação teatral acabou motivando a participação de Machado de Assis, que voltou ao assunto da escola realista, ao contrário do que prometera, quando tratou do romance de Eça de Queirós, em dois artigos que saíram no *Cruzeiro*, em 16 e 30 de abril. No rápido comentário sobre a peça, publicado na coluna “Notas Semanais”, ainda no *Cruzeiro*, em 7 de julho, Machado concorda quanto à dificuldade de transposição do romance para o teatro – “as obras geradas originalmente sob uma forma dificilmente toleram outra” -, e que o realismo acabou virando espécie de seita entre seus adeptos: “daí resulta a forte persuasão em que se acham de que o realismo triunfa no universo inteiro” (apud NASCIMENTO, 2008, p.274-275).

Em função do fracasso da adaptação de *O Primo Basílio* para a cena brasileira, a peça ficou em cartaz por pouco tempo, de 4 a 13 de julho, encerrando com o espetáculo o debate em torno do realismo, que se estendera de março a julho de 1878 (NASCIMENTO, 2008, p.65).

Antecipando-se ao final da temporada no teatro Cassino, a *Revista Ilustrada*, que publicara vários textos de crítica literária e teatral sobre a obra de Eça, como também piadas e poemas cômicos, anuncia a “morte” da peça, no dia 7 de julho de 1878, p.8. A charge de Ângelo Agostini - “Assassinato e Enterro do Primo Basílio (drama)” (**Figura 3**) – vem acompanhada do comentário: “Que o fiasco lhe seja leve! Amém!”.

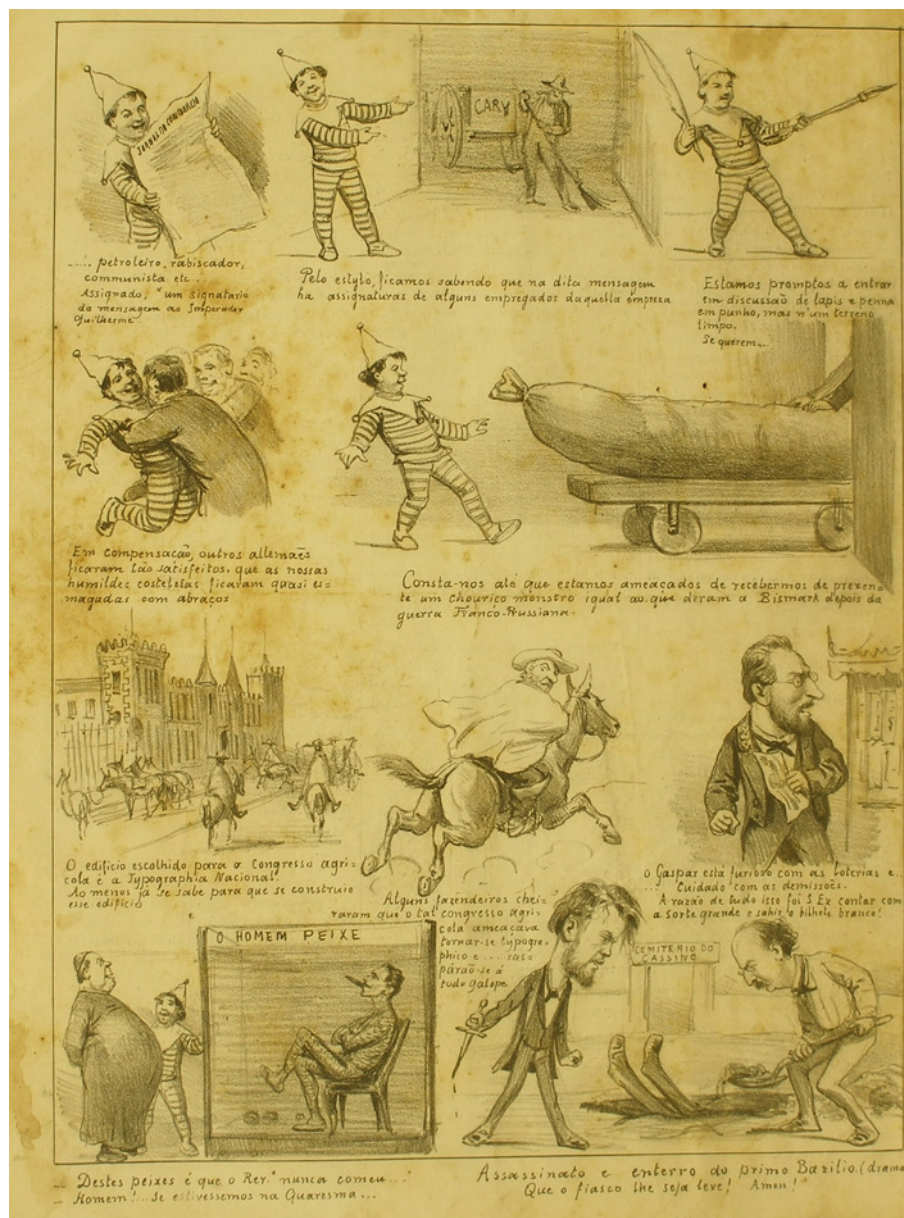


Figura 3 - Revista Ilustrada, 7 de julho de 1878.

Uma vez que a charge divide espaço com outros acontecimentos da semana, no comentário visual de Agostini, é possível concluir que o fato de a adaptação teatral de *O Primo Basílio* ter saído de cartaz do teatro Cassino não foi visto como tema que merecesse desenho, em separado e exclusivo, na revista. Na verdade, a localização da charge, a última no canto direito da página, sugere sua pequena importância diante dos eventos políticos do país, satirizados nos demais desenhos, a confirmar aquela que foi tendência marcante da imprensa caricatural brasileira. A localização da imagem, por outro lado, vem ao encontro da interpretação satírica do fiasco da adaptação teatral, representada no “assassinato” e “enterro” do primo Basílio. O caráter condensado da imagem, que articula duas ações,

praticadas por dois homens, um que mata, outro que enterra, expõe apenas a segunda (ou o resultado da primeira), suprimindo o assassinato, ideia que recupera uma das mudanças da peça em relação ao romance, e mostrada em cena: a morte de Luísa pelas mãos de Jorge. O veto do desenho, é possível pensar, não obedece a impedimentos de ordem moral, pois que no lugar de uma cena de crueldade, a charge optou por explorar aquela com maior potencial cômico, com um morto (o primo Basílio) cujas pernas ficam de fora da cova. Outra modificação do caricaturista em relação à recriação dramática foi transformar o ator Torres, que na peça interpretou o primo Basílio, em assassino da personagem, na sugestão do desenho em que aquele aparece segurando um punhal do qual pingam gotas de sangue. Quanto ao coveiro da charge - outra paródia da adaptação teatral -, interpretado pelo ator Furtado Coelho, que atuou no “drama” como o sanguinário Jorge, também ele, indiretamente, acaba participando da morte de Basílio, na interpretação, talvez, do desenhista de que o amante também deveria ser alvo da vingança do marido traído. A ausência de Luísa no desenho justifica-se: ela foi assassinada por Jorge.

Com exceção da *Revista Ilustrada*, que publicou essa charge de Agostini, nenhum outro periódico de caricaturas se ocupou da adaptação teatral do romance de Eça de Queirós. Na verdade, a partir da transposição para o teatro, as críticas ao *Primo Basílio* desaparecem das páginas da imprensa caricatural, embora em 4 de janeiro de 1879, p.7, como persistência da marca, apareça em *O Besouro*, uma piada, sob o título “Realismo”, com a recorrência dos mesmos elementos, no caso, as “sensações novas”, que aqui aparecem entrelaçadas à política:

O deputado professor Malheiros não quer política romântica nem clássica: quer a política realista.

Vamos ter *O Primo Basílio* aplicado ao parlamento.

Dizem que vai ser distribuído um exemplar deste famigerado romance a cada pai da pátria.

A nação será a Luísa, que experimentará as sensações novas destes linguarudos Basílios.

Cons. Acácio.

Como conclusão dos cinco meses em que *O Primo Basílio* ocupou as páginas da imprensa fluminense, pode-se dizer que a crítica literária, que ora acusou ora defendeu o romance de imoralidade, deu o tom da recepção que irá repercutir no território das charges e piadas. No caso das piadas, estas vão se fixar praticamente numa cena – aliás de importância menor no conjunto do romance – passando ao largo de tantas outras situações que a obra poderia oferecer, incidindo, portanto, na leitura maliciosa e erotizada do romance (AMARAL, 1997, p. 218). As charges, por sua vez, também poderiam ter explorado vários

aspectos de *O Primo Basílio*, mas acabaram se fixando numa espécie de interpretação canônica, sob a influência da crítica literária.

Quanto ao periódico *O Besouro*, também ele participou do processo de canonização do romance eciano, ao publicar não apenas a primeira piada, que “expunha o ponto-chave da recepção da obra” (FRANCHETTI, 2007, p.172), como também a “homenagem de Bordalo Pinheiro” a Eça de Queirós (**Figura 4**), imagem que saiu na revista em 4 de maio de 1878, p.40, no calor da hora dos debates sobre *O Primo Basílio* na imprensa fluminense. O desenho, misto de retrato e caricatura, preserva a imagem de Eça de Queirós, que aparece no centro, rodeado de flores, besouros e personagens do romance, sendo apresentado como o autor do “célebre e belíssimo livro *O Primo Basílio*”. A homenagem ao escritor português não apenas reforça o caráter satírico das charges e caricaturas publicadas em *O Besouro* em torno da obra eciana, como sugere a aproximação entre a finalidade moralizadora da sátira (dentro da tradição clássica de vertente lucílica) e a função social do romance realista.

Voltando aos textos humorísticos, se estes podiam explorar o tema das “sensações novas”, articulado à cena do Paraíso, é porque aquelas ficavam circunscritas ao território da sugestão verbal. O mesmo não acontecia com as charges visuais, tendo em vista as interdições, de ordem cultural e moral, que na época ainda pesavam sobre a imagem. Quando o teatro ousou trazer a execrada cena para o palco, a crítica teatral foi unânime em condenar a imoralidade da adaptação dramática.

Daí que, nas duas vezes em que Bordalo Pinheiro tratou de *O Primo Basílio*, nas charges do *Besouro*, recorreu à sugestão do adultério feminino que, submetido à vigilância de maridos e instituições, pode explicar a escassez de imagens satíricas em torno do romance, enquanto o adultério masculino, porque tolerado pela sociedade, foi inúmeras vezes representado nos periódicos de caricaturas.

Talvez Bordalo pudesse ter recorrido mais vezes à construção alegórica na exploração visual do romance de Eça, o que apenas aconteceu na charge “Literalogia”, embora em outras ocasiões, ainda em *O Besouro*, o caricaturista português tenha empregado o recurso, se bem que com foco na política brasileira, a confirmar uma tendência da imprensa caricatural brasileira. Além disso, é plausível supor que, em vez da alegoria, Rafael Bordalo, em consonância com o espírito da nova escola, tenha optado pelo desenho de traço realista, na transposição da obra queirosiana para a linguagem da charge.

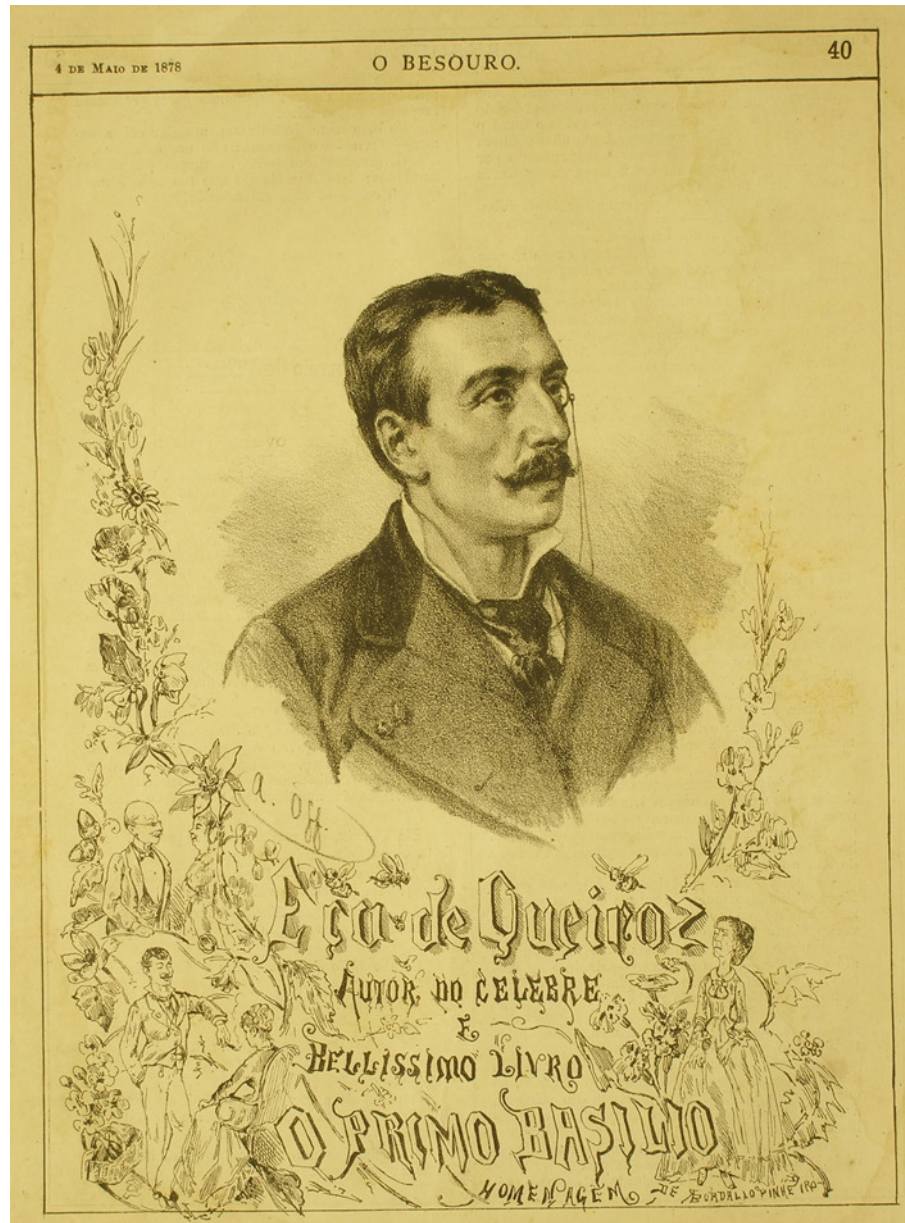


Figura 4 - Revista *O Besouro*, 4 de maio de 1878

De qualquer forma, as poucas charges a respeito de *O Primo Basílio*, comparadas aos inúmeros textos, sérios e cômicos, publicados na imprensa fluminense, se, por um lado, indiciam o veto à imagem, particularmente perigosa, quando associada ao desejo feminino, por outro lado, sugerem que a palavra, via imaginário, permite acesso àquilo que a imagem proíbe. Ironicamente, o veto à recepção visual do romance de Eça de Queirós vem ao encontro do posicionamento de Machado de Assis, adversário do realismo, e para quem o poder da arte está antes em sugerir do que em mostrar.

Recebido em 7/3/2012

Aprovado em 2/5/2012

FONTES

O Besouro. Rio de Janeiro, 1878-1879.

Mequetrefe. Rio de Janeiro, 1875-1893.

Revista Ilustrada. Rio de Janeiro, 1876-1898.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Glória Carneiro. O Primo Basílio n'O Besouro: Um Aspecto Pontual da Recepção do Romance no Brasil. 150 Anos com Eça de Queirós. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE QUEIROSIANOS, 3., 1995, São Paulo. *Anais do III Encontro Internacional de Queirosianos*. São Paulo: Centro de Estudos Portugueses: Área de Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa/FFLCH/USP, 1997. p. 212-19.

BALABAN, Marcelo. *Poeta do Lápis: Sátira e Política na Trajetória de Ângelo Agostini no Brasil imperial (1864-1888)*. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

FARO, Arnaldo. *Eça e o Brasil*. São Paulo: Nacional/Edusp, 1977.

FRANCHETTI, Paulo. *O Primo Basílio e a Batalha do Realismo no Brasil*. In: _____. *Estudos de Literatura Brasileira e Portuguesa*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007, p.171-91.

LIMA, Herman. *História da Caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963, v.1.

NASCIMENTO, José Leonardo. *O Primo Basílio na Imprensa Brasileira do Século XIX: Estética e História*. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.